

Rab'inal achi: um objeto de estudo inédito e ambivalente

[Antônio Augusto Horta Liza](#)

Resumo

Este ensaio pretende focar dois aspectos importantes relacionados à peça teatral *Rab'inal achi*, memória cultural dos tempos pré-hispânicos e patrimônio intangível da República da Guatemala. Por um lado, busca-se evidenciar a sua incipiente exploração no Brasil, e, por outro, o seu caráter ambivalente.

Palavras-chave: Literatura. Espetáculo. K'iche'. Memória cultural. Guatemala.

El que habla solo, espera hablar con dos un día.

Eduardo Cesar

A peça pré-hispânica *Rab'inal achi*¹ (O verão de Rab'inal) merece ser conhecida e explorada pelos latino-americanistas atuantes em nosso país. Não bastasse o seu valor como fonte literária e uma das portas de acesso à memória cultural maia guatemalteca, há nessa peça algo ainda mais significativo, que requer, justamente por esse motivo, distinta consideração: é um remanescente vivo e ambivalente da arte dramática dos k'iche'.²

Em sintonia com tal premissa, o meio universitário brasileiro já começou a apresentar os seus primeiros sinais de mobilização solidária, criando espaços fundamentais para a construção da pretendida valorização acadêmica.³ No entanto, é preciso admitir que há muito por fazer e que, a bem da verdade, o *Rab'inal achi* apenas começa a ser mencionado no Brasil. E mais, que a lentidão, típica dessa fase de incipiência exploratória, só tende a ser suplantada na medida em que outros pesquisadores se debruçarem sobre o tema e decidirem tornar públicas as suas considerações críticas, estimulando o aparecimento dos debates.

Face ao ineditismo desse estudo em nosso país, torna-se imprescindível esclarecer previamente que sob o nome *Rab'inal achi* congregam-se dois textos, ou melhor, duas facetas mnemônico-culturais. São estas, a sua condição de *texto dramático* – o que, conseqüentemente, nos remete às questões relativas à memória escrita, à noção de arquivo, à literariedade e até mesmo à editoração – e a de *texto espetacular* – que, por sua vez, abarca os aspectos inerentes à memória corporal, à noção de repertório, à importância das *performances* antropológicas (montagens teatrais contemporâneas, realizadas em Rab'inal) e às inúmeras contribuições da semiótica teatral. Apesar de possuírem naturezas bem distintas, tais facetas encontram-se entrelaçadas e, assim sendo, devem ser analisadas em sua relação funcional de complementaridade mnemônica. Pensando especificamente em estimular o interesse acadêmico por essa(s) obra(s) indígena(s) guatemalteca(s), decidimos lançar algumas luzes sobre a sua aludida ambivalência.

Contexto de enunciação

De acordo com o cruzamento de informações provenientes das recentes pesquisas nos campos da história cultural, arqueologia, antropologia e lingüística, acredita-se que a peça *Rab'inal achi* possa ter sido elaborada em qualquer um dos anos compreendidos entre 1475 e 1524, período delimitado, pela data que assinala o fim da confederação das tribos k'iche' e pela chegada dos primeiros conquistadores espanhóis na Guatemala. Embora frágil, esse balizamento cronológico fornece-nos um ponto de partida para iniciarmos a exploração da peça, indicando-nos a sua estreita e inegável conexão cultural com o mundo pré-hispânico maia-k'iche'.

O contexto histórico que serve de pano de fundo para a trama da peça é a intensa movimentação das tribos, as querelas territoriais e o questionamento da supremacia político-militar dos k'iche'-kaweq,⁴ por parte dos antigos residentes da fortaleza de Kajyub', hoje um conjunto de ruínas pré-hispânicas que abraçam o pequeno município de Rab'inal (Departamento da Baixa Vera Paz). Em outras palavras, o contexto histórico enunciado na peça espelha a conjuntura histórica na qual se deu a enunciação da mesma. Isso nos leva a pensar na função ideológica exercida pelo *Rab'inal achi*, na condição de versão local e alegorizada dos eventos históricos, que assinalaram a separação definitiva entre os k'iche'-kaweq e os kajyub'enses (ancestrais dos rab'inalenses).

Quanto à geografia de sua enunciação, sabe-se que, de uma forma mais abrangente, esta corresponde a uma cunha paisagística formada pelo final da serra dos Cuchumatanes e pelo início da serra dos Chuacús, na região das terras altas da Guatemala (altiplano). Porém, melhorando o foco, percebe-se que o *Rab'inal achi* mantém mesmo é uma relação umbilical com o vale do Urram, e, especificamente, com as montanhas e ruínas que hoje circundam o supracitado município da Baixa Vera Paz.

Do ponto de vista da criação, o *Rab'inal achi* é considerado um empreendimento intelectual coletivo dos antigos moradores dessa área. Graças ao persistente e eficaz trabalho de anamnese (esforço para manter viva a lembrança) levado a cabo por gerações de seus descendentes, que integram a comunidade etnolingüística k'iche'-achi ou, simplesmente, achi, até hoje a peça (texto espetacular) é encenada em Rab'inal. Para esses indígenas rab'inalenses, encená-la é uma forma de promover a veneração aos antepassados e de perpetuar os seus feitos, ritualizando-os. Uma outra particularidade é que eles adotam um nome diferenciado para referir-se ao texto nessa condição de espetáculo. Denominam-no *Xajooj tun* (Dança do tun).⁵

Problemas de definição

Afinal o que é o *Rab'inal achi*? Uma dança-drama (coreografia dramática) ou um texto dramático (peça teatral) que, quando encenado (transformado em espetáculo), pressupõe a sincronia das falas com vários movimentos coreografados? Embora sutis, há diferenças entre esses dois gêneros espetaculares que precisam ficar bem nítidas. O primeiro põe em evidência o movimento corpóreo, mostrando-nos que por intermédio de seu teor coreográfico (partituras corporais) pretende-se transmitir dramaticidade aos espectadores. Isto implica na onipresença da comunicação dinâmico-corporal, na idéia de que o texto espetacular é construído, exclusivamente, para e pelo movimento

dramático dos corpos, sempre embalados por músicas e/ou cantos com ele compatíveis. Já o segundo (peça teatral), não obstante estar fundamentado na predominância das palavras, isto é, na verbalização do drama, reserva momentos específicos para a incorporação das danças, com tudo o que estas podem implicar, proporcionando assim um incremento na leitura semiótica do espetáculo. Nesse caso, promove-se a junção das linguagens fala, música e dança, com o propósito de ampliar os horizontes da comunicação espetacular. E como, evidentemente, não há dúvidas de que o *Rab'inal achi* incorpore todos os elementos desse segundo gênero, daí provém a inconveniência de chamá-lo dança-drama. Sobre a questão do termo mais adequado, cremos ser prudente adiar por alguns parágrafos a nossa sugestão, já que, a princípio, há que se fundamentá-la.

Começemos por colocar em dúvida a criação simultânea dos textos espetacular (*mise en scène*) e dramático (texto literário escrito). Até o presente momento se desconhece por completo a existência de um texto hieroglífico feito sobre o suporte de pedra ou de papel - se é que algum dia ele realmente existiu - que fosse obra de escribas maia-k'iche', ou até mesmo a de um manuscrito colonial (1524-1821) que trouxesse consigo um registro equivalente às falas do texto dramático que hoje se conhece como *Rab'inal achi*. Agreguemos a isso as informações de que, entre o povo maia, os sacerdotes e reis nutriam profundo interesse pelas apresentações espetaculares, tanto que construíam em suas cidades enormes espaços públicos (praças e plataformas), que, à semelhança funcional do *théatron* grego ("o lugar onde se vê"), estavam destinados à realização desses eventos. Por intermédio das apresentações espetaculares, colocavam-se ali, sob o formato alegórico e ao alcance de todos, tanto os princípios morais normativos da conduta humana almejada, quanto as representações míticas que reforçavam a identidade comunitária e cultural. Assim sendo, é provável que a principal forma de difusão do *Rab'inal achi* ao longo de sua história pré-hispânica fora muito mais a do espetáculo reiterativo (encenação da literatura oral), da memória do corpo, do que a da memória escrita, ou melhor, do arquivo constituído pelos registros hieroglíficos. Nesse estágio reflexivo pode-se avaliar a força da tradição mnemônico-corporal dos k'iche'-achi de Rab'inal, que mantêm vivo o hábito de apresentar a *Xajooj tun* em locais públicos e em circunstâncias bem especiais, como, por exemplo, durante a feira patronal de São Paulo (17 a 25 de janeiro, na Guatemala).

As primeiras evidências documentais sobre a transposição desse suposto expoente da literatura oral rab'inalense do suporte corporal (memória do corpo) para o suporte de celulose (memória do arquivo) são encontradas em epístolas e anotações feitas pelo abade francês Charles-Étienne Brasseur, elaboradas no alvorecer da segunda metade do século 19.

Com base em tais documentos, sabe-se que, no ano de 1855, Brasseur esteve reunido com seu ajudante Nicolás Lopez e com os indígenas Bartolo Sis e Tecu, tendo como meta estabelecer os registros manuscritos da *Xajooj tun* (Dança do tun). Alguns anos depois, esses manuscritos receberam um acabamento estético-editorial e, enfim, foram publicados na França, em 1862, como integrantes do segundo volume da *Collection de documents*⁶ organizada pelo abade com o título de *Rab'inal achi ou le drame-ballet du tun*. Surgia assim a primeira forma de difusão escrita da peça na Europa: a impressão ou, se preferirmos, o arquivo literário brasseuriano.

Com quase sete décadas de atraso, o mundo editorial hispano-americano finalmente se rendeu ao esforço intelectual do poeta guatemalteco Luis Cardoza y Aragón e, por volta de 1930, publicou a tradução (RABINAL-ACHI, 1992) que este

fizera com base em uma revisão do trabalho arquivístico brasseuriano, levada a cabo pelo americanista francês Georges Raynaud. Esse gesto simbólico, que pode ser entendido como uma espécie de "repatriamento editorial da obra", legou-nos aquela que se transformaria na mais conhecida das traduções em língua espanhola do *Rab'inal achi*.

Porém, ainda no século 20, surge um novo e importante ingrediente. Em 1957, Carroll E. Mace encontra sob a guarda do rab'inalense Esteban Xolop, o responsável pela direção da *Xajooj tun* naqueles tempos, um caderno manuscrito (*Manuscrito Pérez*) contendo, em k'iche', o registro das falas dos personagens da peça *Rab'inal achi*. Trata-se da cópia de um antigo manuscrito que teria pertencido ao indígena Bartolo Sis e que, acredita-se, foi redigido em meados do século 19. Com base no *Manuscrito Pérez* (MP),⁷ surgiram, na década de noventa do século passado, duas traduções diretas: a de Hugo Fidel Sacor Quiché (para o espanhol) e a de Alain Breton (inicialmente para o francês e, desde 1999, também disponível em espanhol).

Uma vez armazenados em suportes de celulose, esses textos passam a constituir, seja em seu conjunto, seja em separado, a memória escrita da antiga dramaturgia k'iche', ou melhor, a sua memória do arquivo. Tangíveis, preservadas, porém sujeitas às constantes revisões interpretativas, essas versões literárias são, portanto, nossas principais fontes de estudo do *Rab'inal* enquanto texto dramático.

Os argumentos até aqui apresentados demonstram que a difusão da peça sobre o mnemônico suporte de celulose é um fenômeno cultural recente, cuja origem remonta a quinze décadas. Em contrapartida, podemos afirmar que as encenações precedem-no em, pelo menos, um século. O frei Francisco Ximénez (1688-1729?), cronista dominicano e ex-pároco residente de Rab'inal (1702 a 1714), nos relata que, no alvorecer do século 18, os indígenas do município de Rab'inal mantinham a tradição de apresentar um texto espetacular inspirado em um caso memorável para a comunidade local, a saber, a captura de um guerreiro invasor, seu julgamento e sacrifício em Kajyub'. O sacerdote cristão complementa seu informe dizendo que tal texto era uma dança-drama conhecida como *Quiché vinak* (O homem k'iche'), que, de tão importante, "até hoje não dançam outra em suas festas, senão esta" (GUERCHOUX, 1991, p. 18). Embora indireta, ao que se sabe, esta é a mais antiga referência documental da *Xajooj tun* rab'inalense.

Quase um século e meio depois do relato ximéneziano, Charles-Étienne Brasseur foi testemunha ocular e auditiva de outra apresentação espetacular. Depois de "capturar" as falas do texto dramático no suporte de celulose, Brasseur, na condição de administrador eclesiástico da província e estudioso das culturas indígenas das Américas, convenceu os atores-dançarinos rab'inalenses a superarem o medo de futuras perseguições religiosas e encenarem o texto, publicamente, durante os festejos patronais. Assim, em janeiro de 1856, a pagã *Xajooj tun* foi revitalizada dentro dos domínios territoriais e comemorativos reservados à sacralidade cristã. Foi apresentada no pátio da Igreja de São Paulo, em Rab'inal.

Depois dessa apresentação, ao contrário do que poderíamos imaginar, não ocorreram muitos espetáculos. Estima-se que estes ficaram bem aquém da segunda dezena. Durante grande parte do século 20, as tensões políticas, a luta armada e a violência generalizada contra a comunidade indígena rab'inalense comprometeram, sobremaneira, a difusão da *Xajooj tun*. Assim sendo, ver o texto-espetáculo tornou-se um privilégio desfrutado por poucos. Chegou-se, inclusive, em cogitar a sua extinção. No entanto, para a surpresa dos mais pessimistas, a *Xajooj tun* não só sobreviveu àqueles tempos difíceis, como continuou a ser perpetuada pelas gerações

subseqüentes. Hoje, para os rab'inalenses, as novas montagens são vistas como remanescentes da antiga dramaturgia k'iche', relíquias culturais vivas que podem ser admiradas nos dias de festa.

Concluindo, ao associarmos essa vitalidade cultural do espetáculo reiterativo entre os atuais moradores de Rab'inal ao fato de que, desde o século 19, já dispomos de registros escritos sobre a peça, entende-se o porquê de considerarmos o *Rab'inal achi* um objeto de estudo que deve ser analisado em sua ambivalência. Entretanto, falta-nos retomar a questão das terminologias. Uma vez considerada tal ambivalência e para evitar futuras confusões, sugerimos a utilização do termo indígena *Xajooj tun* sempre que quisermos abordar algo relacionado exclusivamente à sua manifestação espetacular, e *Rab'inal achi* ou *Manuscrito Pérez* quando quisermos explicitar os nossos textos-fontes. Afinal, trata-se de uma peça que é preservada tanto pela escrita quanto pelas performances antropológicas. É letra arquivada, mas também a corporificação apoteótico-reiterativa da letra.

NOTAS

¹ Pronuncia-se "rabinauatchi", com a junção das palavras. O título da obra faz referência homonominal a um dos principais personagens da peça. A palavra Rab'inal designa hoje em dia um antigo município guatemalteco do Departamento da Baixa Vera Paz (Guatemala), cuja fundação remonta ao século 16 e está vinculada à instalação dos primeiros missionários dominicanos na região. Esse grupo era coordenado por Frei Bartolomé de las Casas.

² O termo *k'iche'* é usado aqui para nomear o grupo lingüístico de mesmo nome, pertencente ao tronco maia e composto pelos seguintes idiomas: *k'iche'*, *kaqchikel*, *achi*, *uspanteko*, *tz'utujil*, *sakapulteko* e *sipakapense*. O *k'iche'* é o principal idioma indígena da Guatemala, sendo falado na atualidade por cerca de 1.900.000 pessoas. Tanto o *Popol wuj* (Livro do conselho ou da comunidade), o livro sagrado dos maia-k'iche', quanto o *Rab'inal achi* foram redigidos originalmente nesse idioma.

³ Refirimo-nos a duas recentes iniciativas, proporcionadas por acadêmicos da Universidade Federal de Minas Gerais. A primeira delas foi uma mesa-redonda, organizada pela Profa. Dra. Sara Rojo, na Escola de Belas Artes, em 2003, e a segunda foi o deferimento (2004) do nosso projeto de pesquisa para o mestrado em Estudos Literários.

⁴ Trata-se da linhagem dos *k'iche'* que possuía a preponderância político-militar na aludida confederação tribal. O principal centro administrativo dessa confederação era a cidade de Utlatán (*K'umarcaaj*), que estava sob o controle dos *kaweq*.

⁵ Pronuncia-se "xarroor tun". A palavra *tun* refere-se a um tipo de tambor horizontal, muito comum na época pré-hispânica, que é confeccionado a partir de um tronco oco de árvore.

⁶ Projeto editorial brassouriano que objetivou a publicação de arquivos literários indígenas na Europa. Seu nome completo é *Collection de documents dans la langue indigène pour servir a l'étude de l'histoire et de la philologie de la Amérique ancienne*, e o seu primeiro volume (1861) trouxe, em primeira mão, o *Popol wuj*.

⁷ Atualmente está sob a guarda do rabinalense Dom José León Coloch Garniga, diretor das montagens contemporâneas da *Xajooj tun*.

Abstract

This present essay aims at focusing on two aspects related to the theatrical play *Rab'inal achi*, cultural memory from pre-Hispanic times and intangible patrimony of the Republic of Guatemala. Its exploratory incipency in Brazil is bespoken as well as its ambivalent character.

Keywords: Literature. Spectacle. K'iche'. Cultural memory. Guatemala.

Referências

BRETON, Alain. *Rab'inal achi*: un drama dinástico maya del siglo XV. Trad. Jorge Mario Martinez. Ciudad de Guatemala: Centro Francés de Estudios Mexicanos y Centroamericanos, 1999.

CATELLI, Nora; GARGATAGLI, Marieta. *El tabaco que fumaba Plínio* – escenas de la traducción en España y América: relatos, leyes y reflexiones sobre los otros. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1998.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais*: morfologia e história. Trad. Frederico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GUERCHOUX, Anita Padial; VÁZQUEZ-BIGI, Manuel. *Quiché vinak* – una nueva versión española y estudio histórico-literario del llamado "Rabinal Achi". México (D.F.): Fondo de Cultura Económica, 1991. (Colección Popular, 446).

JANSSENS, Bert (Org.). *Oj k'aslik/Estamos vivos*: recuperación de la memoria histórica de Rabinal (1944-1996). Rabinal: Museo Comunitario Rabinal Achi/Centro Canadiense de Estudios y Cooperación Internacional/Fondo de Gobernabilidad de Guatemala/Embajada Real de los Países Bajos, 2004.

LIZA, Antonio Augusto Horta. Entre mundos e palavras: reflexões sobre o processo de tradução do *Rab'inal achi*. Belo Horizonte: Pós-Graduação em Estudos Literários, FALE/UFGM, 2004. 16f. Seminário de Crítica Literária Comparada: América Latina. Trabalho Final.

RABINAL achi o danza del tun. Trad. Hugo Fidel Sacor Quiché. 2.ed. Ciudad de Guatemala: OEA/ Ministerio de Cultura y Deportes/Subcentro Regional de Artesanías y Artes Populares, 1996. (Colección Tierra Adentro, 20).

RABINAL-ACHÍ: el varón de rabinal, ballet-drama de los indios quichés de guatemala. 7. ed. Trad. Luis Cardoza y Aragón. México (D.F.): Editorial Porrúa, 1992. (Colección Sepan Cuantos, 219).

RICOUER, Paul. *La memoria, la historia y el olvido*. Trad. Agustín Neira. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2004.

TAYLOR, Diana. Encenando a memoria social Yuyachkani. In: RAVETTI, Graciela; ARBEX, Márcia (Org.). *Performances, exílio, fronteiras*: errâncias territoriais e textuais. Belo Horizonte: Departamento de Letras Românicas, Pós-lit/FALE/UFGM, 2002, p.13-45.